

FUGADA DA SELVA

Uma história incrível de sequestro e resgate – e uma amizade surpreendente

POR STEVEN DUDLEY





Oscar Lizcano levantou-se da cama de folhas e se pôs de pé com dificuldade. Não conseguia ver as próprias mãos diante do rosto, mas sentia o ar úmido da selva à sua volta. Ao atravessar o acampamento rumo à linha das árvores, esgueirou-se por homens que dormiam o sono leve dos soldados fora da lei, em alerta total, com fuzis AK-47 ao alcance da mão, no meio da floresta tropical colombiana. Era o fim de outubro de 2008, e, depois de mais de oito anos de cativo, o ex-parlamentar e professor de Economia, de 62 anos, estava muito debilitado pela malária e pela desnutrição.

Os olhos estavam fundos nas órbitas e a pele pendia frouxa sob a barba malcuidada. Os 98 meses de separação da esposa, dos filhos e do trabalho quase lhe destruíram o ânimo. Ou conseguia fugir, ou morreria.

Lizcano não partia sozinho. Um comandante rebelde de 28 anos, chamado Wilson Bueno Largo, codinome Isaza, também se arriscava a fugir. Naquela mesma noite, depois de montar acampamento, convidara Lizcano para um jogo de xadrez. Por sobre o tabuleiro, Isaza encarou Lizcano com o olho bom – o outro perdera na batalha – e disse, sem rodeios:

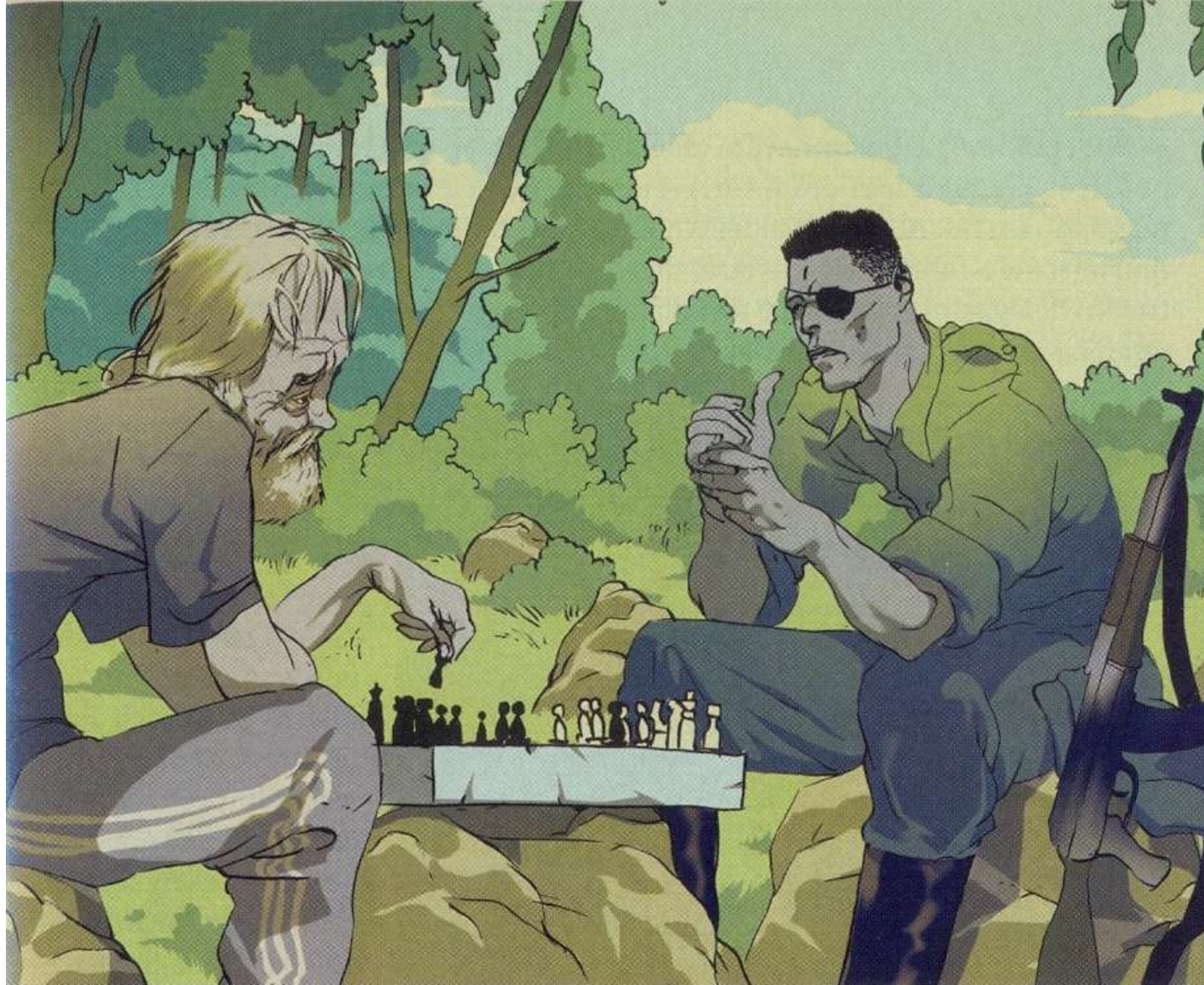
– Você vai morrer aqui.

Lizcano fitou-o.

– Prepare-se, veterano – disse Isaza.
– Vou tirar você daqui.

A fuga seria uma manobra perigosa em qualquer circunstância. Mas, como Lizcano era um dos reféns mais antigos das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), a tentativa seria duplamente traiçoeira.

Em 2002, o presidente Alvaro Uribe tomou posse com a promessa de endurecer o combate ao grupo responsável pelo sequestro de milhares de cidadãos colombianos nas últimas quatro décadas. Em consequência disso, os captores de Lizcano viviam em movimento, temendo ataques aéreos. Cada vez mais rebeldes desistiam da



luta e desertavam, entre os quais a namorada de Isaza, que agora estava escondida.

Quatro meses antes, uma operação com tropas especiais, auxiliadas pelo serviço secreto americano, fizera os guerrilheiros libertarem três empreiteiros americanos que trabalhavam para o Pentágono, a parlamentar franco-colombiana Ingrid Betancourt e mais 11 cativos colombianos.

O resgate virou manchete no mundo todo e causou muita confusão entre os rebeldes. A cada dia, Lizcano percebia que tinha menos valor. Provavelmente, agora não conseguiriam mais trocá-lo pela libertação de seus homens e mulheres das prisões do governo; seria mais fácil matá-lo.

O pesadelo de Lizcano começara numa tarde tranquila de agosto, em 2000, quando o parlamentar recentemente reeleito colaborava na campanha de reeleição da prefeita de Getsemaní, povoado nas montanhas da região central da Colômbia. Lizcano, barbeado e de cabelo bem aparado, era formado em Economia e professor respeitado da Universidade Nacional de Manizales, mas tinha o encanto e a confiança de um político nato e se movimentava com facilidade tanto entre as colinas rurais do seu distrito de origem quanto nos resplandecentes salões do poder em Bogotá. Em meio aos fazendeiros, camponeses e boias-frias, não sentia medo, apesar de saber da existência de fortalezas rebeldes por perto.

Os rebeldes não costumavam atacar políticos. Suas táticas eram terríveis, mas meio toscas. Atacavam aldeias com morteiros de fabricação caseira, destruíam delegacias de polícia e invadiam quartéis do Exército. Entretanto, nas

Depois de mais de dez noites de marcha de um ponto a outro, Lizcano chegou a um acampamento disperso, 240 quilômetros a oeste da capital, Bogotá, e 150 quilômetros a leste do Oceano Pacífico. Desde o princípio, os

guerrilheiros responderam com silêncio às perguntas de Lizcano e o isolaram numa pequena área. Logo, ele simplesmente parou de falar, a não ser quando pedia para ir ao banheiro ou lavar roupa. À noite, armava uma tenda improvisada, na qual caía em um sono pesado e sem sonhos, raramente acordando antes do amanhecer.

Dois meses depois do sequestro, Lizcano escutou a mulher, Martha, e os filhos, Juan Carlos



O SEQUESTRADO

Lizcano, abatido pela malária e pela desnutrição crônica.



O REBELDE

Isaza começou a se desencantar com a guerrilha.

décadas em que tentaram tomar o poder do governo, sua influência se estendeu por um vasto território, que chegou a atingir um terço do país.

De repente, enquanto conversavam com simpatizantes, Lizcano e a prefeita foram cercados por um bando de cerca de 30 guerrilheiros. “Vocês estão presos”, avisou um deles, “e ficarão como reféns até haver troca de prisioneiros.”

Três dias após, os rebeldes libertaram a prefeita, mas Lizcano foi levado para outra direção. Enquanto observava um soldado à frente abrir caminho com um facão pela floresta virgem, percebeu que tudo mudara.

e Mauricio, pedindo sua libertação num rádio de ondas curtas. Os guerrilheiros, então, lhe deram um rádio, e ele começou a ouvir um programa que transmitia mensagens aos milhares de desaparecidos. A família o encorajava a ser forte, dava-lhe notícias do mundo e prometia que ajudaria a libertá-lo.

“Como é triste quando acordo só”, escreveu ele a Martha num poema incluído num pacote que os rebeldes mandaram à imprensa para provar que Lizcano estava vivo. “E vejo a aurora adormecida/E meu coração sangra pelo que perdi/Enquanto espero a voz de deusa do meu amor.”

Após o sequestro de três empreiteiros americanos em 2003, o governo intensificou a ofensiva e os guerrilheiros abandonaram os esconderijos na selva. Para enganar aviões e delatores das aldeias locais, fizeram Lizcano marchar

As caminhadas ficavam mais longas, Lizcano ficava mais fraco e, por fim, os rebeldes exigiram que ele diminuísse o peso que carregava, desfazendo-se dos livros que eles tinham lhe dado, entre eles a *Iliada* e a *Odisseia*, de Ho-

ÀS VEZES, ELE PREPARAVA AULAS, DEPOIS ESPETAVA GRAVETOS NA TERRA COM NOMES DE EX-ALUNOS, FORMANDO UMA PLATEIA ATENTA.

em grandes círculos pela mata fechada, por montanhas íngremes e rios traiçoeiros. A monotonia do ambiente ficou quase insuportável: todas as folhas, as árvores e os rios lhe pareciam idênticos; todos os dias eram iguais. Num dia bom, o grupo comia arroz e lentilhas ou sopa de macaco, que Lizcano só conseguia engolir tapando o nariz. Às vezes, chegava a beber água com sal para evitar a desidratação. “Havia um guerrilheiro que, à noite, punha um camundongo cozido na minha bota e eu o comia”, diz Lizcano.

Vivia doente, desidratado, desnutrido e com infecções intestinais e urinárias. Sem mosquiteiro, contraiu malária, que lhe causava calafrios, dores e fadiga crônica. Andava devagar e sentia dores. As distâncias que os rebeldes percorriam em duas horas exigiam dele seis. Às vezes, esperavam que ele descansasse; quando perdiam a paciência, levavam-no numa rede. Em outro pacote para provar que estava vivo, ele escreveu à esposa: “É preciso mais coragem para sofrer do que para morrer.”

mero, e poemas de Pablo Neruda. Desesperado, Lizcano arrancou as páginas prediletas e guardou-as em sacos plásticos, para levá-las nos bolsos.

Às vezes, à noite, fazia anotações para palestras e depois enfiava gravetos no chão, com os topos cobertos por papezinhos com o nome de ex-alunos. “Carlos”, “Juan” e os outros eram uma plateia obediente e atenta, enquanto Lizcano discorria sobre Geografia, História e líderes mundiais como Mahatma Gandhi. Quando ficava animado demais, os guardas achavam que tinha enlouquecido.

Em meados de 2006, os guerrilheiros já tinham perdido bastante terreno na guerra de quatro décadas contra o governo. Os militares haviam matado ou capturado vários comandantes de nível intermediário, e os sequestros caíram a quase um décimo de antes. Depois que Mauricio, filho de Lizcano, conquistou a cadeira do pai no Congresso, os rebeldes sequestra-

ram seu irmão, Juan Carlos. Mas a perseguição do governo foi tão insistente que logo depois o libertaram.

Um desertor da unidade rebelde que mantinha Lizcano refém delatou ao governo sua localização e os militares

de disciplinador rígido, dando ordens a Lizcano e recusando-se a deixá-lo lavar roupa. Mas, à noite, quando não era observado, Isaza costumava conversar com ele. No decorrer de várias semanas, surgiu um laço entre os dois,

“SILÊNCIO!”, DISSE ISAZA. OS DOIS FICARAM QUIETOS, À MEDIDA QUE OS GUERRILHEIROS DAVAM PASSOS RÁPIDOS PELO CAMINHO.

espalharam-se para cortar as linhas de suprimento do grupo. Aviões zumbiam no alto, vasculhando a floresta, e especialistas em informações monitoravam as ondas aéreas. Sob cerco, os guerrilheiros deslocavam-se o tempo todo. Não podiam mais manter Lizcano consigo. Informaram-lhe que, se houvesse um ataque, o matariam. Mas Isaza tinha outro plano: convenceu-se de que Lizcano seria a solução para a sua fuga.

Fora oferecida uma recompensa de 400 mil dólares pelo resgate de Lizcano, o suficiente para qualquer rebelde recomeçar sua vida.

Isaza, forte, moreno e com 12 anos de experiência no Exército rebelde, estava cada vez mais desencantado com a guerrilha; sentia falta da família e da namorada e não lhe agradava a linha de ação que os rebeldes adotavam com Lizcano.

Não ousara, entretanto, fazer objeções e chegou a representar o papel

que trocavam histórias sobre a região produtora de café onde ambos tinham crescido. A mãe de Isaza elogiava muito o trabalho do parlamentar e isso ele não esquecera.

Passou a ficar de olho em Lizcano durante as marchas e aconselhou-o a ficar por perto para proteger-se caso a força aérea bombardeasse a área. Quando os militares se aproximaram, as opções de Isaza ficaram mais claras: morrer com os camaradas ou fugir com o refém.

Agora, perguntava ao prisioneiro, do outro lado do tabuleiro:

– Você aguenta?

A princípio, Lizcano achou que era um truque.

– Aguento – respondeu, hesitante.

– Pois é agora ou nunca, veterano.

Às nove horas daquela noite, Isaza levou Lizcano pela selva, na direção de um rio. O rebelde calculava que teriam umas três horas antes que os guerrilheiros descobrissem que tinham sumido. No rio, instruiu Lizcano a pisar nas pedras secas, para que nin-

guém seguisse os rastros. Quando Lizcano avançou, escorregou na água. “Tudo bem?”, sussurrou Isaza ao erguê-lo do rio. Cães latiram a distância. Lizcano disse palavrões baixinho.

Passaram por baixo de uma cerca de arame farpado. Lizcano rasgou a camisa e Isaza pegou o pedaço de pano que ficou preso nela; sabia que os rastreadores não deixariam de notá-lo. Subiram uma colina íngreme. Lizcano caía tanto que Isaza lhe arranhou um cajado e, finalmente, usou-o para puxar o professor até o cume.

Não podiam viajar durante o dia, porque os simpatizantes locais poderiam delatar pelo rádio sua posição aos rebeldes. Pouco antes do amanhecer do segundo dia, chegaram a um vale. Cavaram o miolo macio de uma palmeira para comer. Depois, Lizcano descansou numa fossa, enquanto Isaza escalava uma árvore com o fuzil, para ficar de vigia.

Quando os dois partiram na segunda noite, Isaza examinou o ex-prisioneiro. Os pés estavam inchados e o corpo, coberto de arranhões.



- Veterano, tem certeza que você aguenta? - perguntou Isaza.

- Aguento.

Mas, ao fim da jornada daquela noite, Lizcano caiu numa vala, e começou a ter dificuldade para respirar.

- Vai se incomodar se eu mexer com o dedo, veterano? - Os dois sorriram e beberam a limonada.

No terceiro dia, chegaram a uma elevação e avistaram uma estrada que corria junto a um rio. Seu destino, uma

TODO DIA LIZCANO AGRADECE “ÀQUELA PESSOA QUE TEVE A CORAGEM E O HEROÍSMO DE PARTIR COMIGO.”

- Silêncio! - ordenou Isaza de repente. - Abaixese! Estão vindo!

Duas ou três dezenas de guerrilheiros deram passos rápidos e decididos pelo caminho, os olhos sondando a paisagem. Mas passaram pelos dois homens e sumiram de vista.

Mais tarde, naquela noite, Isaza levou Lizcano por um riacho e subiu pela encosta de uma montanha. Pediu a Lizcano que pisasse nas pegadas dele no intuito de confundir os perseguidores. Logo Lizcano estava exausto e coberto de suor.

- Estou com muita sede - disse. - Preciso descansar.

Isaza lançou-lhe um olhar de reprovação.

- O que prefere? Perder a vida aqui, enquanto descansa, ou seguir em frente?

Em silêncio, Lizcano seguiu em frente com dificuldade. Junto a uma poça, Isaza arrancou uma folha de árvore, fez com ela um cone e juntou um pouco de limonada em pó que tinha guardado.

base militar, era visível na outra margem. Isaza apontou e Lizcano caiu no chão, depois levantou-se e abraçou o novo camarada.

- Seremos amigos para sempre! - gritou. - Você salvou minha vida.

Ao ver um grupo de soldados do outro lado do rio, Lizcano começou a acenar e gritou:

- Sou uma vítima de sequestro!

Mas estava cambaleando, e os soldados acharam que era maluco ou estava bêbado. Isaza ergueu o fuzil para chamar a atenção deles. Espantados, mas percebendo que não era um ataque, os soldados embarcaram numa canoa e remaram na direção de Lizcano.

O guerrilheiro recordou as histórias que tinham lhe contado de como os militares colombianos torturavam e matavam os rebeldes desertores.

- Veterano, não me abandone - pediu Isaza, ao se encolher em meio à folhagem.

- Não abandonarei - prometeu Lizcano, antes de embarcar na canoa e ser levado pelos soldados.

– **Por favor**, entendam que, se eu for incoerente, é por ter perdido o hábito de falar – explicou Lizcano aos repórteres no dia do resgate. Com voz entrecortada, pediu às autoridades que não se esquecessem dos outros reféns que “apodreciam na selva”.

Hoje, Lizcano se aposentou da política e da universidade. Escreve poesia e passa o tempo com Martha e os filhos. Liderou a campanha para garantir os 400 mil dólares de recompensa a Isaza e para que fosse libertado da custódia militar. E ajudou Isaza e a namorada ex-guerrilheira, Lilia Isabel Buñol, a se mudarem para o exterior.

– Vou para a França – informou Isaza aos jornalistas em 9 de dezembro de 2008, com Lilia a seu lado. – Veremos o que o futuro nos reserva.

A ex-refém Ingrid Betancourt viajou com o casal de Bogotá a Paris, um fim emocionante para a viagem por oito países latino-americanos, na qual esperava convencer seus líderes a negociarem com os rebeldes. Ela disse

aos jornalistas que a sorte de Isaza seria um forte incentivo para que outros rebeldes libertassem os reféns.

Quando lhe perguntaram, depois do resgate, se tinha alguma mensagem para as outras vítimas de sequestro, Lizcano respondeu: “Meu nono ano de cativo estava começando. Se consegui [sair]... então, por Deus, sei que vocês também conseguem. Vocês conhecerão novamente a liberdade.” Apesar das péssimas condições do cativo, Lizcano diz que manteve sua dignidade e a força de vontade. “Mentalmente, estou bem”, diz ele, “e do ponto de vista espiritual me sinto muito fortalecido também.”

Todo dia ele agradece à “pessoa que teve a coragem e o heroísmo de partir comigo”. Agora a vida dos dois está conectada. Depois de atravessar o rio no último dia da fuga, Lizcano desmaiou. Disse aos soldados o seu nome e depois apontou para o outro lado do rio na direção de Isaza, que ressurgira na margem. “Não posso abandoná-lo.”

SORRIA, VOCÊ ESTÁ NA AUSTRÁLIA!

Depois de uma enxurrada de ataques de tubarão na Austrália, a revista *The Week* pediu aos leitores que criassem um *slogan* de turismo para o país.

Eis algumas das respostas enviadas:

- “O que acontece fora da costa da Austrália permanece fora da costa da Austrália.”
- “Nós colocamos mais carne na churrasqueira!”
- “Austrália: Devastadoramente linda.”
- “Nossos turistas: a outra carne branca.”
- “Ainda não é o paraíso, mas você pode chegar lá por aqui.”

